

# Los falsificadores de Borges<sup>1</sup>

257



**Valdir Olivo Júnior**

Universidade Federal de Santa Catarina

A prolepse que inicia *Los falsificadores de Borges* (2011) antecipa o enigma e a estrutura sinuosa que predominará no decorrer da narrativa: “El padre de Héctor sabía que lo iban a matar y por eso guardó con cuidado los dos papeles en su camisa” (CORREAS, 2011, p.13). Tudo começa com o assassinato, orquestrado por paramilitares, do médico Héctor Abad Gómez em agosto de 1987 na Avenida Argentina em Medellín (Colômbia). Minutos depois, o corpo de Héctor é descoberto pelo seu filho, o escritor Héctor Abad Faciolince, que encontra dois papéis no bolso de sua camisa; um deles, o maior, é uma lista dos jurados de morte pelos paramilitares em Medellín; o segundo, é um soneto transcrito por seu pai e assinado com as iniciais J.L.B. Nesse momento, a maquinaria cruel de um assassinato, facilmente desvendado pela violência imperante de um regime de exceção, contrasta com os desdobramentos subterâneos de tudo o que se esconde nas dobras da fábula, ou seja, o incerto domínio da vida e da ficção; assim, o poema de Jorge Luis Borges passa a tomar dimensões impensadas na narrativa.

1 Jaime Correa, Buenos Aires: Alfaguara, 2011, 296 páginas

Como em “La muerte y la brújula” de Jorge Luis Borges, no romance de Jaime, a secreta morfologia de uma trama que avança tateando e diluindo os falsos limites entre realidade e ficção já se encontra cifrada na cena do crime. O poema que Héctor Abad Gómez trazia no bolso, intitulado “Aquí. Hoy”, além de prefigurar sua morte – entre os versos principais do poema encontra-se “Ya somos el olvido que seremos” –, é também o responsável por conectar pessoas e realidades totalmente diversas pois, entre outras coisas, trata-se de um soneto inédito cuja originalidade e autoria seria colocada em dúvida futuramente por alguns escritores e críticos. *Los falsificadores de Borges* narra a obsessão do narrador que, como um detetive, busca desvendar e reconstruir o trajeto misterioso e labiríntico desse poema até seu último paradeiro no bolso do pai de Héctor. O poema de Borges rompe o véu da aparência para instalar a dúvida, a partir dessa fissura, e de tudo o que se infiltra e se insinua através dela, Jaime Correas (1961), constrói um trabalho minucioso que tem por objetivo desvendar as múltiplas possibilidades escondidas em uma superfície aparentemente simples: “allí está el quiebre de lo real, de lo que se puede constatar a simple vista, allí está la grieta por donde se escabulle como Alicia a través del espejo” (CORREAS, 2014, p. 81).

Ainda que para Faciolince a história tenha começado já em 1987 com a morte de seu pai e a descoberta do soneto misterioso, para Jaime ela só terá início em 2007, com um telefonema de Berlim e o relato torrencial do escritor colombiano sobre tudo o que ocorreu desde a morte de seu pai, passando pela publicação de seu livro *El olvido que seremos* (2006), até a polêmica envolvendo Harold Alvarado Tenorio – também escritor colombiano. Tenorio havia publicado na revista *Número*, em outubro de 1993, “Cinco inéditos de Borges” sendo que entre os poemas se encontrava “Aquí. Hoy”. Ao perguntar-se como seu pai havia tido acesso ao poema antes de Harold, Faciolince chega a Jaime. Ou seja, é no país que dá nome à rua na qual seu pai foi assassinado que Héctor encontrará as respostas para suas dúvidas.

Jaime Correas é um exímio arquivista e um excelente investigador, capaz de iluminar através de seu trabalho minucioso e obsessivo diferentes “retazos de un mundo perdido” (CORREAS, 2014, p. 29). Seja através da pesquisa mais decididamente acadêmica e historiográfica (*Cortázar en Mendoza*, 2014) ou fazendo uso do romance e da ficção

enquanto método de trabalho (*Los falsificadores de Borges*); como esse Borges que diz: “yo también juego a parodiar a Borges” (BORGES *apud* CORREAS, 2014, p. 34), Jaime faz uso de certa estrutura labiríntica da literatura borgiana que muito se assemelha a um jogo de espelhos. Conforme o livro avança, cada capítulo reescreve o seguinte de um ponto de vista diferente e ainda que existam certos elementos que se repitam e apontem para uma origem, ou seja, os livros artesanais publicados logo após a morte de Borges pelo jovem Jaime Correas e amigos, sob o selo *Ediciones Anónimos*, o leitor atento entenderá que para além da origem dos poemas importa, antes de tudo, o processo de gestação de uma ideia do fazer literário. Com Jaime podemos afirmar que a literatura é jogo e que a falsificação pode ser um outro nome para a herança diferida, trata-se antes de tudo da responsabilidade diante de uma herança e de sua disseminação. *Los falsificadores de Borges* não é só a busca por restituir a Borges o que é de Borges, mas mostrar também como a constelação Borges continua se expandindo. E nesse sentido ele se assemelha muito a outro borgiano contemporâneo que é Edgardo Cozarinsky (1939) – cujo *Borges y el cine* (1974) é mencionado nas páginas finais do romance de Jaime –; foi a paixão pelo autor de *Ficciones* que aproximou Jaime de Cozarinsky. Nas agradáveis tardes de conversa com Jaime em seu café preferido em sua cidade, Mendoza, já sob os primeiros sinais do inverno, ele me confessou ser um leitor assíduo de Cozarinsky desde suas primeiras publicações. Essa mesma preocupação com a herança e sua disseminação é um dos elementos centrais da literatura e do cinema de Edgardo; a isso ele chamaria *passage du témoin* como referência ao objeto cilíndrico (*témoin*) que é passado de um corredor ao outro em uma competição (COZARINSKY, 2000, p. 85). Trata-se de uma herança, mas não como lembrança e sim como força, como presentemente ativa, uma herança que não pode ser negada impunemente.

**REFERÊNCIAS**

CORREAS, Jaime. *Los falsificadores de Borges*. Buenos Aires: Alfaguara, 2011.

COZARINSKY, Edgardo. *El pase del testigo*. Buenos Aires: Sudamericana, 2000.